

VII SEMANA INTERNACIONAL DE PEDAGOGIA

AS LUTAS DA PEDAGOGIA EM TEMPOS DE PANDEMIA: CIÊNCIA, EDUCAÇÃO E FORMAÇÃO HUMANA.

29/11 a 05/12 de 2020 *ON-LINE*
Maceió - Alagoas - Brasil
Universidade Federal de Alagoas
Centro de Educação



ISSN1981 - 3031

APRENDER E ENSINAR A IDENTIDADE TERRENA: UM SABER NECESSÁRIO PARA A EDUCAÇÃO

Fernanda Joyce Barbosa dos Santos¹
Pedagogia/CEDU/UFAL
fernandajoyce159@gmail.com

Maria Larissa do Nascimento Alves²
Pedagogia/CEDU/UFAL
mariaalarissa21@gmail.com

Elizabete Amorim de Almeida Melo³
Centro de Educação – CEDU/UFAL
elizabete.amorim@yahoo.com.br

RESUMO

Este construto é resultado de uma pesquisa bibliográfica realizada a partir dos estudos desenvolvidos na disciplina Fundamentos Sociológicos da Educação No Curso de Pedagogia Noturno (CEDU/UFAL), em 2019. Ele tem como questão norteadora da pesquisa a seguinte formulação: Como as datas comemorativas escolares podem trabalhar a identidade terrena, tendo como fundamentação teórica o pensamento de Edgar Morin. Desta forma, objetivamos ressaltar a importância do aprender e do ensinar sobre a identidade terrena, um dos saberes e conhecimentos proposto por Morin (2002), para além das datas comemorativas, pois as mesmas apresentam limitações pedagógicas e educativas. Aprender e ensinar são verbos imperativos que exigem mudança de atitude diante de nossa identidade enquanto seres planetários, que precisa cuidar, respeitar e saber viver na Terra, nossa Mãe Pátria e nossa casa.

PALAVRAS CHAVES: Identidade terrena. Edgar Morin. Currículo. Formação de professores.

INTRODUÇÃO

¹ Graduanda em Pedagogia pela Universidade Federal de Alagoas – UFAL. Atualmente, profissional de Apoio NEE - Secretaria Municipal de Educação de São Miguel dos Campos – AL. Membro do Grupo de Pesquisa: Filosofia e Educação/Ensino de Filosofia.

² Graduanda em Pedagogia – Universidade Federal de Alagoas. Extensionista do Projeto de Extensão CRESCER (Acompanhamento Pedagógico à Criança e Adolescente Hospitalizados e/ou Portadores de Doenças Crônicas – HUPPA/UFAL/EBSERH). Membro do Grupo de Pesquisa: Filosofia e Educação/Ensino de Filosofia.

³ Professora do Centro de Educação – CEDU/UFAL desde 2010. Licenciada em Filosofia (UFAL), Mestre em Educação (FE-UNICAMP) e Doutora em Educação (PPGE/CEDU/UFAL). Membro do Grupo de Pesquisa: Filosofia e Educação/Ensino de Filosofia.

VII SEMANA INTERNACIONAL DE PEDAGOGIA

AS LUTAS DA PEDAGOGIA EM TEMPOS DE PANDEMIA: CIÊNCIA, EDUCAÇÃO E FORMAÇÃO HUMANA.

29/11 a 05/12 de 2020 *ON-LINE*
Maceió - Alagoas - Brasil
Universidade Federal de Alagoas
Centro de Educação



ISSN1981 - 3031

Este construto objetiva ressaltar a importância do saber e do conhecimento sobre a identidade terrena, proposto por Morin (2002) como um saber necessário para a educação de crianças e de jovens no contexto atual.

Nessa perspectiva, esse saber também pode ser considerado como eixo propulsor de conhecimentos interligados e/ou religados de forma complexa (MORIN, 2002; 2005), que devem ser do conhecimento de todas/os⁴ as/os professoras/es sobre os problemas essenciais que envolvem a humanidade e sua vida na Terra.

Tratamos da relevância desse saber e conhecimento, para além das datas comemorativas, para as quais levantamos alguns questionamentos, mostrando suas limitações pedagógicas e educativas.

Ensinar e aprender sobre a identidade terrena

A identidade terrena é um dos saberes postos por Morin (2002) como essenciais para o ensino e a aprendizagem de crianças e das/os jovens no contexto atual.

Os Sete Saberes indispensáveis enunciados por Morin – As cegueiras do conhecimento: o erro e a ilusão; Os princípios do conhecimento pertinente; Ensinar a condição humana; Ensinar a identidade terrena; Enfrentar as incertezas; Ensinar a compreensão; e A ética do gênero humano – constituem eixos e, ao mesmo tempo, caminhos que se abrem a todos os que pensam e fazem educação, e que estão preocupados com o futuro das crianças e adolescentes (WERTHEIN, 2002, p. 12).

Para a construção da consciência sobre a identidade terrena, segundo Morin (2000), todo ser humano precisa, primeiramente, conhecer e compreender a condição humana, que pressupõe a indagação sobre questões essenciais: O que é

⁴É importante frisar que neste texto optamos por uma linguagem não machista, ou seja, inclusiva, que coloca o sexo feminino antes do masculino, de forma consciente e propositalmente, com o objetivo de demonstrar nosso lugar de fala, que se junta com outros movimentos para chamar a atenção para o fato de como a linguagem utilizada durante a história da humanidade, de certa forma, ocultou ou oculta o papel da mulher em todos os espaços, de forma geral.

VII SEMANA INTERNACIONAL DE PEDAGOGIA

AS LUTAS DA PEDAGOGIA EM TEMPOS DE PANDEMIA: CIÊNCIA, EDUCAÇÃO E FORMAÇÃO HUMANA.

29/11 a 05/12 de 2020 *ON-LINE*
Maceió - Alagoas - Brasil
Universidade Federal de Alagoas
Centro de Educação



ISSN1981 - 3031

ser humano? Qual a relação do homem com o Mundo? Como podemos entender o circuito indivíduo-sociedade-espécie? Entre outras questões.

Tal reflexão pretende contribuir para a sobrevivência da espécie humana, já que cada indivíduo carrega em si, interior ou exteriormente, consciente ou inconscientemente, “pedaços” do universo, do mundo, do planeta Terra, pois “[...] Estamos simultaneamente dentro e fora da natureza [...]” (p. 48) e “Como seres vivos deste planeta, dependemos vitalmente da biosfera terrestre; devemos reconhecer nossa identidade terrena física e biológica.” (MORIN, 2000, p. 50).

É importante salientar que a vida humana depende da vida na/da Terra! Aprendizagem e ensinamento que se fazem urgentes.

Tal perspectiva nos faz pensar, apoiadas no pensamento de Morin (2000), sobre a necessidade de aprender e de ensinar a identidade terrena no chão da sala de aula (ARROYO, 2011), pois as ações humanas têm contribuído para a degradação do Mundo, tanto planetário quanto humano.

Ensinar e aprender a identidade terrena não significa dizer que devemos dissipar as diversas identidades humanas (étnica, religiosa, espiritual, nacional, etc.), mas sim agregar a estas a identidade essencial da vida humana na Terra, a identidade que vem antes de todas as outras, pois somos seres terrestres, vindos da Terra e pertencentes a ela (MORIN, 2003).

Tendo em vista que a “A educação é uma prática humana direcionada por uma determinada concepção teórica.” (LUCKESI, 1994, p. 21), devemos atentar para a importância dessa prática como um recurso essencial para a formação e a transformação humana, visando uma formação integral, capaz de promover em cada cidadão a compreensão “[...] tanto a condição humana no mundo como a condição do mundo humano, que, ao longo da história moderna, se tornou condição da era planetária.” (MORIN, 2000, p. 63).

É imprescindível afirmar que o suporte essencial para tal aprendizagem e ensino é o conhecimento pertinente (MORIN, 2002; MELO, 2020), que se baseia em teorias voltadas para a reforma do pensamento.

VII SEMANA INTERNACIONAL DE PEDAGOGIA

AS LUTAS DA PEDAGOGIA EM TEMPOS DE PANDEMIA: CIÊNCIA, EDUCAÇÃO E FORMAÇÃO HUMANA.

29/11 a 05/12 de 2020 *ON-LINE*
Maceió - Alagoas - Brasil
Universidade Federal de Alagoas
Centro de Educação



ISSN1981 - 3031

O conhecimento pertinente pretende: “[...] restaurar valores e possibilitar novas oportunidades de inserção social, de promover a ética da solidariedade, da diversidade, da responsabilidade e do compromisso com o triângulo da vida representado pelas relações indivíduo, sociedade/natureza.” (MORAES, 2016, p. 1).

A humanidade precisa humanizar-se urgentemente. Precisa desenvolver plenamente a sua capacidade de solidariedade, de empatia, de alteridade, de amor. Para tanto, a educação é “[...] o elemento da vida social responsável pela organização da experiência dos indivíduos na vida cotidiana, pelo desenvolvimento de sua personalidade e pela garantia da sobrevivência e do funcionamento das próprias coletividades humanas” (TOSI, 2007, p. 9).

A educação escolar pode nos ajudar nesse processo de humanização, na reforma de pensamento, na constituição da identidade terrena em todos os seres humanos (MORIN, 2000).

Por meio das diferentes aproximações em relação às diversidades, com as diversas realidades vividas pela humanidade, seja histórica ou cotidianamente, o ambiente escolar pode ser um espaço adequado para buscar entender como o Todo se relaciona com as partes e as partes com o Todo, na perspectiva do pensamento complexo (MORIN, 2000; 2002; 2005).

[...] *Complexus* significa o que foi tecido junto; de fato, há complexidade quando elementos diferentes são inseparáveis constitutivos do todo (como o econômico, o político, o sociológico, o psicológico, o afetivo, o mitológico), e há um tecido interdependente, interativo e inter-retroativo entre o objeto de conhecimento e seu contexto, as partes e o todo, o todo e as partes, as partes entre si. Por isso, a complexidade é a união entre a unidade e a multiplicidade. Os desenvolvimentos próprios a nossa era planetária nos confrontam cada vez mais e de maneira cada vez mais inelutável com os desafios da complexidade (MORIN, 2002, p. 38).

Ensinar e aprender sobre a identidade terrena é um saber e conhecimento necessários em qualquer currículo escolar. Ele deveria fazer parte do projeto político dos cursos de licenciaturas e de cada escola, pois é um saber urgente e emergente para a defesa da vida na Terra.

VII SEMANA INTERNACIONAL DE PEDAGOGIA

AS LUTAS DA PEDAGOGIA EM TEMPOS DE PANDEMIA: CIÊNCIA, EDUCAÇÃO E FORMAÇÃO HUMANA.

29/11 a 05/12 de 2020 *ON-LINE*
Maceió - Alagoas - Brasil
Universidade Federal de Alagoas
Centro de Educação



ISSN1981 - 3031

Um saber para além das datas comemorativas nas escolas

O currículo escolar é composto por um conjunto de conteúdos e habilidades que se espera que sejam ensinados e aprendidos. Entretanto, currículo é mais que uma relação de conteúdos. “[...] O currículo comporta todas as atividades que existem no ambiente escolar [...]” (MELO, 2019, p. 94).

Para Arroyo (2011), o currículo é um território em disputa. Assim, é possível lutar por práticas emancipatórias e emancipadoras no espaço da sala de aula, principalmente quando o assunto é sobre nossa identidade terrena.

A sala de aula, o que trabalhar, o currículo na prática são os espaços onde se vivenciam nossas realizações, mal-estares e até as crises da docência. No trabalho neste espaço, tanto mestres quanto alunos experimentam frustrações, desânimo, incertezas, cansaço... mas também vivenciam realizações, compromissos ético-políticos que vão configurando outros profissionais e outros educandos. (ARROYO, 2011, p. 10).

Um dos conteúdos que fazem parte do rol de conhecimentos que devem ser trabalhados na sala de aula, no decorrer do ano letivo, são as diversas datas comemorativas, que são fixadas por meio da Lei Nº 12. 345, de 9 de dezembro de 2010 (BRASIL, 2010).

Entre essas datas, estão as que podem ser relacionadas ao meio ambiente, algumas muito conhecidas como o “Dia da Água”, comemorada no dia 22 de março, ou “Dia da Árvore”, comemorada no dia 21 de setembro, entre outras datas comemorativas.

É importante ressaltar que nossa inquietação encontra-se justamente na forma como essas datas são comemoradas no currículo educacional, tendo como referência nossas trajetórias como professoras e educadoras.

As práticas vivenciadas, na maioria das escolas, em relação às referidas datas comemorativas, resultam em vivências pontuais e momentâneas, ou seja, não chegam a causar mudança de pensamento e de ação no trato com o meio ambiente, mudança na relação entre o ser humano e o mundo.

Seja na rede privada de ensino, seja nas instituições públicas, normalizou-se uma obrigatoriedade de que o trabalho com as datas comemorativas

VII SEMANA INTERNACIONAL DE PEDAGOGIA

AS LUTAS DA PEDAGOGIA EM TEMPOS DE PANDEMIA: CIÊNCIA, EDUCAÇÃO E FORMAÇÃO HUMANA.

29/11 a 05/12 de 2020 *ON-LINE*
Maceió - Alagoas - Brasil
Universidade Federal de Alagoas
Centro de Educação



ISSN1981 - 3031

faça parte dos planejamentos e projetos. Assim, das apresentações às lembrancinhas, todo um aparato institucional e docente se empenha em reproduzir, muitas vezes, ações e encaminhamentos com pouco ou nenhum sentido às crianças. (LIRA; DOMINICO; MARTINS, 2018, p. 139).

Geralmente, as celebrações estão centradas nas duas datas já citadas ou, ainda, no “Dia do Índio”, comemorado no dia 19 de abril. No entanto, é comum que essas celebrações estejam restritas à uma semana ou até mesmo um único dia, como se fossem uma mera formalidade para cumprir o calendário letivo.

Nesse contexto, o que é ensinado fica pouco significativo, pois tal processo de ensino-aprendizagem torna-se apenas um cumprimento das exigências para a trajetória acadêmica, ou seja, apenas o cumprimento de uma atividade escolar descontextualizada da experiência significativa com o mundo.

Tais atividades estão fundamentadas numa visão tradicional de currículo como: “conceitos de sequência, de terminalidade, de completude, de integralidade trazem impingidas em si, a ideia de currículo.” (ALVES; BARROS; VIANA, 2018, p. 200).

Entre as escolas, principalmente no trabalho desenvolvido com a Educação Infantil e o Ensino Fundamental I, não é incomum que no “Dia do Índio”, as crianças voltem para suas casas produzidas, com o rosto pintado e cocar na cabeça. Essa prática, muitas vezes, não reflete e não faz a criança entender o que esta produção significa para a cultura indígena, ou seja, é o conteúdo descontextualizado.

Na comemoração do “Dia da Água”, as crianças realizam algumas atividades com relação ao tema, como por exemplos: lavar as mãos ou escovar os dentes economizando água. Normalmente, a criança volta para casa com o rosto pintado com o desenho de uma gotinha de água.

No “Dia da Árvore”, por sua vez, é comemorado com a plantação de alguns grãos de feijão em um copo de plástico com um pedaço de algodão e água. É importante salientar que essa semente não vai se tornar efetivamente uma planta e, muito menos, uma árvore, porque as crianças, na maioria das vezes, não vão acompanhar a evolução do crescimento dos grãos.

VII SEMANA INTERNACIONAL DE PEDAGOGIA

AS LUTAS DA PEDAGOGIA EM TEMPOS DE PANDEMIA: CIÊNCIA, EDUCAÇÃO E FORMAÇÃO HUMANA.

29/11 a 05/12 de 2020 *ON-LINE*
Maceió - Alagoas - Brasil
Universidade Federal de Alagoas
Centro de Educação



ISSN1981 - 3031

Novamente, chamamos a atenção para o fato de que são momentos estanques, pontuais. Momentos que não despertam a reflexão para o cuidado com o planeta e com os bens naturais de consumo coletivo e fundamentais para a sobrevivência do ser humano na Terra.

Se o objetivo for ensinar as crianças a identidade terrena, como propõe Morin (2000), é necessário fazermos mais. É preciso ensinar e despertar a consciência planetária.

Tal consciência pode emergir da mudança de pequenas atitudes, como a busca pelas “[...] transformações de nossa sociedade para a libertação, de uma educação para além do capital.” (SILVA, 2019, p. 17), ou seja, de uma educação que vise e respeite cada ser humano em sua totalidade; na ação movida e motivada pela criatividade do experienciar humano, ligada ao contato direto com a Terra e seus processos naturais, mas também nos processos influenciados por cada ser vivo que a habita.

Esse processo de conscientização, quando usado dentro da sala de aula, pode contribuir para as ações conscientes em relação à vida na Terra, para além da escola, seja no agir, pensar ou na forma de ver o mundo (SILVA, 2019).

Exemplificando esse processo de conscientização, é importante mostrar o trabalho desenvolvido na “Escola na Natureza” em Brasília, que é referência em educação ambiental na rede pública e atende 340 crianças. Nessa escola, os alunos aprendem sobre o cuidado com o meio ambiente, consigo mesmo, sobre a preservação dos recursos hídricos e a biodiversidade do cerrado. Nela, as atividades vão além da prática, pois: “Quando damos a oportunidade para que os alunos plantem, semeiem, estamos dando também a chance para eles se reconectarem com a terra”, diz a educadora Thais Marra, professora da instituição (AGÊNCIA BRASÍLIA, 2017).

Outro trabalho que pode servir como referência no processo de conscientização sobre a nossa identidade terrena é o que é desenvolvido na “Escola Parque da Natureza” de Brazlândia, localizada no Distrito Federal, que recebe

VII SEMANA INTERNACIONAL DE PEDAGOGIA

AS LUTAS DA PEDAGOGIA EM TEMPOS DE PANDEMIA: CIÊNCIA, EDUCAÇÃO E FORMAÇÃO HUMANA.

29/11 a 05/12 de 2020 *ON-LINE*
Maceió - Alagoas - Brasil
Universidade Federal de Alagoas
Centro de Educação



ISSN1981 - 3031

alunos da rede pública uma vez por semana e tem como foco a educação ambiental. Diferente das escolas tradicionais, as “salas de aula” recebem o nome de estações educativas; os alunos participam de vários projetos que envolvem reflorestamento de nascentes, reciclagem e ainda criação de abelhas. De acordo com a diretora Cláudia Caixeta: “A ideia é que eles entendam a complexidade da natureza e como é o trabalho cooperativo das abelhas, porque aqui a gente trabalha muito com cooperação, descartando a ideia de competição.” (AGÊNCIA BRASÍLIA, 2018).

De uma forma geral, percebemos que a forma como as datas comemorativas são celebradas ainda é muito restrita e/ou simplória, sendo necessário impulsionar uma maior valorização das práticas educativas vivenciadas no interior das escolas, como os exemplos dados anteriormente.

Para isso, esses temas devem ser trabalhados não apenas em dias específicos, mas que esteja vivo ao longo de todo o ano letivo e que os temas possam ser abordados com maior profundidade e clareza, facilitando a socialização do conhecimento sobre a temática e os perigos que a falta de uma visão ecológica pode causar para a humanidade.

Além disso, consideramos que os ensinamentos e aprendizagens devem ser transmitidos e trabalhados a partir do exemplo, ou seja, é importante que, ao longo de todo o ano letivo, as/os professoras/es relembrem o que foi ensinado e vivenciado a partir de experiências do cotidiano, como uma ação que pressupõe mudança de atitude.

Ensinar e aprender sobre a nossa identidade terrena, para além das datas comemorativas, requer o entendimento de que a natureza faz parte de quem somos e que precisamos “[...] cuidar, extrair, nos nutrir e cuidar novamente, para ter sempre [...].” (PAIXÃO, 2020).

É preciso conhecer, habituar-se e respeitar o ritmo da natureza. É necessário que o ser humano reconecte-se com a mesma.

Segundo Morin (2000), desde o final do século XX, nos encontramos em fase de um processo de mundialização.

VII SEMANA INTERNACIONAL DE PEDAGOGIA

AS LUTAS DA PEDAGOGIA EM TEMPOS DE PANDEMIA: CIÊNCIA, EDUCAÇÃO E FORMAÇÃO HUMANA.

29/11 a 05/12 de 2020 *ON-LINE*
Maceió - Alagoas - Brasil
Universidade Federal de Alagoas
Centro de Educação



ISSN1981 - 3031

Em meio a essas muitas informações, aos grandes avanços tecnológicos e industriais, urge, cada vez mais, a necessidade do ser humano se reinventar e aprender a respeitar o planeta, pois a sua preservação nos permite repensar sobre a permanência do humano na Terra.

Percebemos que é de vital importância ensinar a identidade terrena para a humanização da humanidade, devendo isso ser incluído no currículo escolar, que segundo Goodson (Apud ALVES; BARROS; VIANA, 2018, p. 200): “[...] é o caminho, jornada, trajetória [...]”, ainda nos primeiros anos da formação, através de uma ressignificação das datas comemorativas relacionadas ao meio ambiente comumente celebradas no ambiente escolar.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesse texto, tentamos mostrar a relação intrínseca e complexa que envolve o aprender e o ensinar a identidade terrena, que é um dos saberes essenciais posto por Morin (2002), ressaltando sua relevância na educação de crianças e de jovens.

Consideramos que a relevância desse saber e conhecimento, encontra-se para além das datas comemorativas, pois as mesmas mostram-se limitadas pedagógica e educativamente, como foi apresentado neste artigo, a partir da exemplificação.

Referências

AGÊNCIA BRASÍLIA. **Escola da Natureza fortalece consciência sustentável em alunos da rede pública.** Publicado em 27-08-2017. Disponível em: <<https://www.agenciabrasilia.df.gov.br/2017/08/27/escola-da-natureza-fortalece-consciencia-sustentavel-em-alunos-da-rede-publica/>> Acesso em: 29 Jul. 2020

AGÊNCIA BRASÍLIA. **Escola em Brazlândia tem o meio ambiente como centro das atividades.** Publicado em 25-02-2018. Disponível em: <<https://www.agenciabrasilia.df.gov.br/2018/02/25/escola-em-brazlandia-tem-o-meio-ambiente-como-centro-das-atividades/>> Acesso em: 29 Jul. 2020

VII SEMANA INTERNACIONAL
DE PEDAGOGIA
AS LUTAS DA PEDAGOGIA EM TEMPOS DE PANDEMIA:
CIÊNCIA, EDUCAÇÃO E FORMAÇÃO HUMANA.

29/11 a 05/12 de 2020 *ON-LINE*
Maceió - Alagoas - Brasil
Universidade Federal de Alagoas
Centro de Educação



ISSN1981 - 3031

ARROYO, Miguel G. **Currículo, Território em Disputa**. 2 ed. Petrópolis/RJ: Editora Vozes, 2011.

ALVES, Maria Dolores Fortes; BARROS, Abdizia Maria Alves de; VIANA, Maria Aparecida Pereira. Currículo, da fragmentação a tessitura comum, a diversidade fortalecendo a teia da vida. In: **Linguagens, Educação e Sociedade**. Ano 23. Edição Especial. Teresina/PI: Revista do Programa de Pós-Graduação em Educação da UFPI, Dez. 2018.

BRASIL. Casa Civil. **LEI Nº 12.345, DE 9 DE DEZEMBRO DE 2010**. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/ato2007-2010/2010/lei/L12345.htm> Acesso em: 29 Jul. 2020.

LIRA, Aliandra Cristina Mesomo; DOMINICO, Eliane; MARTINS, Lilian. Currículo e planejamento na Educação Infantil: datas comemorativas em debate. In: **Conjectura: Filos. e Educ.** Vol. 23, nº 1. Caxias do Sul/RS: Universidade de Caxias do Sul. Jan/2018.

LUCKESI, Cipriano Carlos. **Filosofia da Educação**. São Paulo: Cortez, 1994. (Coleção Magistério 2º Grau. Série Formação do Professor).

MELO, Elizabete Amorim de Almeida. **Estágio Supervisionado em Filosofia: Contribuições para a formação inicial de professores**. Maceió/AL: PPGE/CEDU/UFAL, 2019. (Tese de Doutorado). Mimeo. Disponível em: <<http://www.repositorio.ufal.br/handle/riufal/6129>> Acesso em: 10 Jul. 2020.

MELO, Elizabete Amorim de Almeida. Características do conhecimento pertinente em Edgar Morin: Contribuições para a educação. In: MATOS, Junot Cornélio; LIMA, José Aparecido de Oliveira (Orgs.). **Filosofia & Educação no espaço/tempo que chamamos hoje**. Prefácio de Eduardo Barra. Maceió/AL: Editora Café com Sociologia, 2020.

MORAES, Maria Cândida. **Saberes para uma cidadania planetária**. Fortaleza/Ceará: UNESCO, 2016.

MORIN, Edgar. **Os sete saberes necessários à educação do futuro**. 6 ed. Tradução de Catarina Eleonora F. da Silva e Jeanne Sawaya; revisão técnica de Edgard de Assis Carvalho. São Paulo: Cortez; Brasília/DF: UNESCO, 2002.

MORIN, Edgar. **Introdução ao Pensamento Complexo**. Tradução de Eliane Lisboa. Porto Alegre: Editora Sulina, 2005.

VII SEMANA INTERNACIONAL
DE PEDAGOGIA
AS LUTAS DA PEDAGOGIA EM TEMPOS DE PANDEMIA:
CIÊNCIA, EDUCAÇÃO E FORMAÇÃO HUMANA.

29/11 a 05/12 de 2020 *ON-LINE*
Maceió - Alagoas - Brasil
Universidade Federal de Alagoas
Centro de Educação



ISSN1981 - 3031

MORIN, Edgar. **Educação – Parte 1**. Vídeo postado no canal TV CPP em Fev/2011. Disponível em: link <<https://www.youtube.com/watch?v=kzHjJd3cJCg&t=1589s>> Acesso em: 28Fev. 2020.

MORIN, Edgar; KERN, Anne-Brigitte. A carteira de identidade terrestre. In: **Terra-Pátria**. 4. ed. Tradução de Paulo Azevedo Neves da Silva. Porto Alegre: Editora Sulina, 2003. p. 43-64.

PAIXÃO, Vitória. **Pensa que é fácil ser mulher camponesa?** Poesia publicada em 14 de Jul. de 2020. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=Yjv6AM-TYW8&t=24s>> Acesso em: 20 Ago. 2020.

PAPO DE PROFESSOR. **Os sete saberes necessários à educação do futuro**. Disponível em: link <<https://www.youtube.com/watch?v=6KaW9KwtVYg>> Acesso em: 29 Fev. 2020.

RODRIGUES, Aberto Tosi. In: **Sociologia da Educação**. 6. ed. Rio de Janeiro: Lamparina, 2007.

SILVA, Edcleide da Rocha. **A Filosofia da Práxis e a Educação: Uma dialética da educação formal e não formal**. (Dissertação de Mestrado). Maceió/AL: UFAL, 2019.

WERTHEIN, Jorge. Apresentação da Edição Brasileira. In: MORIN, Edgar. **Os Sete Saberes Necessários à Educação do Futuro**. 6 ed. Tradução de Catarina Eleonora F. da Silva e Jeanne Sawaya; revisão técnica de Edgard de Assis Carvalho. São Paulo: Cortez; Brasília/DF: UNESCO, 2002. p. 11-12.